

Curso de Especialização em Educação e Divulgação Científica

Carla de Almeida Lubanco

MEMORIAL

“Até o Rio tá triste: contos de realidades”:
Divulgação Científica para Comunidades
Tradicionais

Mesquita

2023

Carla de Almeida Lubanco

“Até o Rio tá triste: contos de realidades”:
Divulgação Científica para Comunidades
Tradicionais

Memorial Descritivo apresentado
ao Instituto Federal de Educação,
Ciência e Tecnologia do Rio de
Janeiro, como requisito parcial para
a obtenção do grau de Especialista
em Educação e Divulgação
Científica

Orientador/a: Prof.^a Dr.^a Gabriela Ventura

Mesquita
2023

L926a Lubanco, Carla de Almeida.
"Até o rio tá triste - Contos de Realidades": Divulgação Científica para Comunidades Tradicionais. Rio de Janeiro: Mesquita, 2021.

22 p.

Memorial Descritivo (Curso especialização em Educação e Divulgação Científica do Programa de Pós-Graduação Lato Sensu Em E.D.C.,) do IFRJ / Campus Mesquita, 2023..

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Gabriela Ventura.

1. Divulgação Científica. 2. Comunidades Tradicionais. 3. Educação Ambiental crítica. 4. Contos. I. Lubanco, Carla de Almeida. II. Instituto Federal do Rio de Janeiro. III. Título.

M.D. /IFRJ/CMesq EDC/PG

CARLA DE ALMEIDA LUBANCO

“ATÉ O RIO TÁ TRISTE: CONTOS DE REALIDADES”: DIVULGAÇÃO
CIENTÍFICA PARA COMUNIDADES TRADICIONAIS

Memorial Descritivo apresentado
ao Instituto Federal de Educação,
Ciência e Tecnologia do Rio de
Janeiro, como requisito parcial para
a obtenção do grau de Especialista
em Educação e Divulgação
Científica.

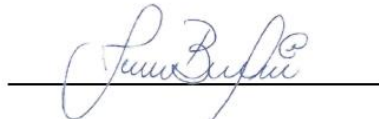
Aprovado em 02/06/2023.

Banca Examinadora



Prof. Dsc. Gabriela Ventura da Silva - (Orientadora)

Instituto Federal do Rio de Janeiro (IFRJ)



Prof. Dsc. Marilyn Anderson Alves Bonfim - (Membro Interno)
Instituto Federal do Rio de Janeiro (IFRJ)

Documento assinado digitalmente
gov.br BEATRIZ BRANDÃO DOS SANTOS
Data: 22/11/2023 10:32:38-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Dsc. Beatriz Brandão dos Santos - (Membro Externo)
Universidade do Grande Rio (UNIGRANRIO)

Agradecimentos

Agradeço ao meu pai João Carlos Lubanco, que não mede esforços para me ver feliz e realizada profissionalmente. À minha mãe Zeni de Almeida, que zela por mim e me acompanha como um anjo. E, ao meu marido Ibsen Oliveira, que está de mãos dadas comigo me apoiando a cada passo dado.

Aos meus amigos, um muito obrigado, por me acompanharem nessa jornada louca que é a academia, sem vocês seria ainda mais difícil. Agradeço imensamente, também, a instituição Associação de Caranguejeiros e Amigos do Manguê de Magé (ACAMM), e a todos que a compõem, por me receberem e partilharem conhecimentos e sentimentos tão valiosos. Vocês mudaram meu jeito de olhar e sentir a vida.

Finalmente, agradeço de todo coração à Professora Doutora Gabriela Ventura por levar tão a sério a orientação. Por diversos momentos em que me dispersei, ela pacientemente reposicionou a rota para que eu pudesse voltar a caminhar e, de fato, me indicou um “sul” a seguir. Foi um processo longo e lindo. Muito obrigada!

RESUMO

O presente memorial descritivo tem como finalidade detalhar as etapas de produção do livro “Até o rio tá triste: contos de realidades”, que tem como tema central as transformações socioambientais no Rio Suruí e seu entorno e suas consequências para a comunidade de pesca local. Esse livro foi produzido como uma estratégia de Divulgação Científica para acessibilizar a informação científica produzida a partir de uma dissertação de mestrado, para a comunidade tradicional que participou da coleta de dados para o desenvolvimento pesquisa e, também, de popularizar os resultados para a população da cidade de Magé/Rio de Janeiro. Visto que a popularização do conhecimento científico mune a população para a participação mais qualificada dos processos decisórios, democratizando a participação na construção de políticas públicas. Para isso, o livro foi construído levando em consideração a forma que comunidades tradicionais possuem de repassar os conhecimentos produzidos, a partir da contação de história e, contém então, cinco contos que narram os diferentes impactos que o Rio Suruí e a comunidade tradicional de pesca artesanal sofreram ao longo do tempo.

Palavras-chave: Divulgação Científica; Comunidades Tradicionais; Contação de história; Educação ambiental Crítica.

ABSTRACT

This descriptive memorial aims to detail the stages of production of the book "Até o rio ta triste: tales of realities", which has as its central theme the environmental transformations in the Suruí River and its consequences for the local fishing community. This book was produced as a Scientific Dissemination strategy to make the scientific information produced from a master's dissertation accessible to the traditional community that participated in data collection for research development and also to popularize the results for the population of Magé. Since the popularization of scientific knowledge equips the population for a more qualified participation in decision-making processes, democratizing participation in the construction of public policies. For this, the book was built taking into account the way that traditional communities have of passing on the knowledge produced, based on storytelling, and then contains five stories that narrate the different impacts that the Suruí River and the traditional fishing community craftsmanship have suffered over time.

Keywords: Scientific Dissemination; Traditional Communities; Storytelling; Critical environmental education.

SUMÁRIO

Sumário

INTRODUÇÃO	9
Descrição Física	10
Ficha Técnica	11
OBJETIVOS	11
Geral	11
Específicos	12
RESUMO DO LIVRO	12
EQUIPE DE EXECUÇÃO	12
JUSTIFICATIVA	13
CONCEPÇÃO METODOLÓGICA	14
Os devoradores de mundos	16
Até o rio tá triste	18
Barriga D'água	19
O deserto do rio invisível	20
O que se vê além da curva?	21
ORÇAMENTO E FINANCIAMENTO	21
PÚBLICO-ALVO E DIVULGAÇÃO	22
REFERENCIAL TEÓRICO	22
CONSIDERAÇÕES FINAIS	25
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	26

INTRODUÇÃO

Este Memorial Descritivo tem por objetivo detalhar o processo de produção do livro intitulado de “Até o rio tá triste: Contos de Realidades” que foi gerado como um material de Divulgação Científica para comunidades tradicionais de pesca artesanal, a partir da dissertação de mestrado (Departamento de Geografia e Meio Ambiente PUCRio) intitulada de “Até o rio tá triste: a interpretação da paisagem do Rio Suruí a partir de uma reconstituição histórica ambiental participativa”.

A dissertação objetivou interpretar a paisagem atual do Rio Suruí reconstituindo sua história ambiental, de forma participativa, isto é, incluindo a comunidade de pesca artesanal que vive desse ecossistema local. Buscou compreender assim a relação dos moradores (pescadores (as) e catadores (as) de caranguejo) com o rio, verificar as fontes poluidoras do Rio Suruí entendendo os impactos da poluição no rio e na comunidade pesqueira, além de refletir a proposição de cenários futuros a partir do olhar e da narrativa da comunidade tradicional participante.

Os resultados da dissertação apontaram que com a degradação do Rio Suruí, grandes impactos sociais foram imputados à comunidade pesqueira local. Dentre eles está:

o sofrimento como um sintoma psicossocial das injustiças ambientais transcorridas neste território advindas da ausência do cumprimento das políticas públicas de saneamento básico, do terrorismo de petróleo, bem como do desmatamento e assoreamento do rio em decorrência da ocupação irregular por falta de acesso à moradia em locais adequados, impactando no sustento, na soberania alimentar, na saúde física e mental, na desarticulação comunitária e no enfraquecimento do turismo e do lazer (LUBANCO, 2022, p. 06).

Esses resultados foram atingidos a partir de uma metodologia qualitativa para entender para além das transformações ambientais do Rio Suruí, mas como isso afetou a comunidade de pesca artesanal, utilizando-se de uma combinação de procedimentos metodológicos para a coleta e análise de dados, como a Entrevista com Foto-Elicitação (EFE), Análise de Conteúdo e Observação Participante, além das pesquisas bibliográficas, documental e iconográfica (LUBANCO, 2022).

A participação da comunidade tradicional se deu, principalmente, na coleta dos dados a partir das entrevistas e da observação participante, tendo esta um papel crucial para o desenvolvimento de informações científicas que possam corroborar na produção

de políticas públicas locais para a melhoria da qualidade ambiental do Rio Suruí e, conseqüentemente, melhoria da vida de todos.

Como comunicar os resultados de uma pesquisa científica para as comunidades tradicionais que participaram dela? Por isso, durante a Especialização em Educação e Divulgação Científica, pensou-se que seria fundamental que a comunidade tradicional que participou da pesquisa e, também, a população em geral do município de Magé - Rio de Janeiro tivessem acesso aos resultados e reflexões produzidos por essa pesquisa, uma vez que a linguagem acadêmica, muitas vezes, não consegue ser compreendida por todos.

Dessa forma, o livro possui cinco contos verossímeis à realidade, que contam a história do Rio Suruí com ele próprio sendo o narrador principal, tendo o apoio narrativo da história de vida de outros personagens, que representam não apenas um indivíduo, mas um coletivo de pessoas que passam ou passaram por aquelas situações descritas.

Descrição Física

O livro foi produzido nos mínimos detalhes, desde a duração dos contos, até o tamanho das letras, formato do livro e ilustrações, levando em consideração primeiramente, a forma de repassar o conhecimento das comunidades tradicionais, com o foco na contação de histórias e, em seguida, as necessidades que atravessam os pescadores(as) devido a condições de vulnerabilidade social em que vivem.

Nesse sentido, os contos são histórias curtas, para que prendam a atenção do leitor e atinjam o objetivo de produzir reflexão a partir dos resultados da dissertação, além de provocar a identificação dos comunitários com a história contada. Podendo o livro, bem como a dissertação, serem utilizados para o embasamento na formulação de políticas públicas que melhorem as condições de vida das comunidades de pesca e, também, dos ecossistemas locais.

O formato do livro escolhido foi o A4, pensando em ampliar o acesso ao livro impresso, uma vez que esse formato permite a impressão sem tantas dificuldades por ser o formato padrão de folha de qualquer impressora. Assim sendo, além do livro ser gratuito e ser disponibilizado de forma física (para a comunidade tradicional

participante da pesquisa da dissertação) e online (para todos), aqueles que quiserem imprimir a versão online, terão essa possibilidade de forma simplificada.

As ilustrações foram feitas pela artista Adriane Tranhaqui que, apesar de não fazer parte da comunidade de pesca artesanal, possui uma profunda relação com o bairro de Suruí e conhece o Rio Suruí, pois é conterrânea e passou a vida nesse lugar. Desse modo, suas ilustrações não partem de um lugar superficial, mas são fruto das imagens criadas e recriadas por sua memória social e identidade devido a sua relação de vida com este território.

Portanto, o livro “Até o rio tá triste: Contos de Realidades” possui em torno de 15 páginas pensadas para divulgar a ciência produzida a partir do conhecimento tradicional sobre as transformações ambientais do Rio Suruí, para que a comunidade possa se ver e ter acesso ao resultado daquilo que ajudou a construir.

Ficha Técnica

Elaboração do projeto e autoria: Carla de Almeida Lubanco;

Coautoria: Gabriela Ventura

Criação dos elementos visuais:

Ilustração: Adriane Tranhaqui

1ª Revisão textual: Gabriela Ventura

2ª Revisão textual: Cristiane Cássia de Soares Ramada

Diagramação: Núcleo de Realidades Digitais (IFRJ) e Ane Caroline Oliveira.

Título do livro: Até o rio tá triste – Contos de Realidades

Gênero: Narrativo

Ano da produção: 2023

OBJETIVOS

Geral

Promover a divulgação científica dos resultados e reflexões gerados em uma dissertação de mestrado para as comunidades.

Específicos

- Comunicar os resultados obtidos com a pesquisa de mestrado intitulada de “Até o rio tá triste: a interpretação da paisagem do Rio Suruí a partir de uma reconstituição histórica ambiental participativa” através da criação de histórias verossímeis às transformações socioambientais e, conseqüentemente, na paisagem do Rio Suruí, abordadas na dissertação.
- Criar uma ferramenta de divulgação científica que leve em conta as formas de repassar o conhecimento em comunidades tradicionais de pesca.

RESUMO DO LIVRO

O livro conta a história do Rio Suruí, levando em consideração a perspectiva da comunidade de pesca artesanal do bairro de Suruí (Magé/RJ), que foi a principal afetada pelas transformações ambientais neste rico ecossistema. O livro possui como narrador e personagem principal o próprio rio, que conta sua história através de cinco contos, abordando os principais problemas que o afetaram ao longo de sua trajetória.

Começando desde a história de seus primeiros habitantes, os povos indígenas, passando pelas diversas transformações socioambientais ocasionadas pelos usos históricos relacionados à colonização, descaso político e degradações ambientais causadas por grandes corporações, mas, não deixando de mencionar a resistência dos povos tradicionais que ali ainda vivem e tiram o seu sustento, finalizando com a ponta de esperança que pulsa nos corações daqueles que veem o Rio Suruí como um ser que sente.

EQUIPE DE EXECUÇÃO

Elaboração do projeto e autoria - Carla de Almeida Lubanco: Gestora Ambiental (IFRJ), Mestre em Geografia e Meio Ambiente (PUCRio) e Especializando em Educação e Divulgação Científica (IFRJ – Mesquita). Responsável pela elaboração do projeto; criação da história do livro; diálogos com os encarregados pela ilustração e diagramação.

Orientação e Coautoria - Gabriela Ventura: Professora do Instituto Federal de Ciência, Educação e Tecnologia do Rio de Janeiro IFRJ. Doutora em Educação em

Ciências e Saúde pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (NUTES)/UFRJ. Mestre em Ciências pela Fundação Oswaldo Cruz / Instituto Oswaldo Cruz. Licenciada em Ciências Biológicas pela UFRJ. Responsável por orientar e acompanhar o projeto “A Contação de História no livro “Até o Rio tá triste: contos de realidades” como ferramenta de Divulgação Científica para Comunidades Tradicionais”, bem como o desenvolvimento do livro; responsável, também, pelos diálogos com o diagramador e com a gráfica.

Criação dos elementos visuais:

Ilustração - Adriane Tranhaqui: Trabalha profissionalmente com arte desde 2017 com o desenvolvimento de pinturas em tela, utilizando aquarela e tinta a óleo. A partir de 2022 começou a desenvolver projetos de arte em formatos digitais. Responsável pela criação das ilustrações do livro.

Revisão textual - Cristiane Cássia de Soares Ramada: Mestranda em Comunicação pela UERJ, graduada em Comunicação- Jornalismo pela UFRJ, com especializações em Comunicação Empresarial e Responsabilidade Social e Terceiro Setor. Responsável por revisar todos os materiais escritos do projeto.

Diagramação: Núcleo de Realidades Digitais (IFRJ);

Diagramação - Ane Caroline de Oliveira Eduardo: Publicitária em formação pela UFRJ, atua na comunicação e seus diversos âmbitos, mas principalmente como Social Media e Design desde 2018.

JUSTIFICATIVA

O livro, produto da Especialização em Divulgação Científica, é uma estratégia de Divulgação Científica da pesquisa de mestrado intitulada de “Até o Rio tá Triste: A interpretação da paisagem do Rio Suruí a partir de uma reconstituição histórica ambiental participativa”, realizada no Programa de Pós-Graduação em Geografia e Meio Ambiente da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUCRio), orientada pela Professora Dr.^a Agnieszka Ewa Latawiec, defendida em setembro de 2022.

Essa dissertação foi escrita a partir da contribuição da comunidade tradicional pesqueira do bairro de Suruí (Magé-RJ), mais especificamente com entrevista aos pescadores e pescadoras artesanais associados da ACAMM (Associação de Caranguejeiros e Amigos do Manguê de Magé). Nesse contexto, foi primordial pensar em uma ferramenta que dispusesse das reflexões e resultados produzidos pela pesquisa a partir dos saberes tradicionais desta comunidade.

Surge então a ideia de produzir um livro que portasse uma linguagem que levasse em conta as formas de produzir e reproduzir conhecimento das comunidades tradicionais. Para que, dessa forma, não só aqueles que participaram da pesquisa, mas também todos que são impactados pela degradação ambiental deste rio, tivessem acesso aos resultados.

Nesse caso, a Divulgação Científica como ferramenta de popularização da ciência para comunidades tradicionais consistiu, portanto, na adequação da linguagem dos conhecimentos acadêmicos produzidos a partir do saber tradicional, para que a própria comunidade tradicional participante da pesquisa científica acessasse os resultados e reflexões produzidas, utilizando-os como uma ferramenta para a transformação social a partir da produção de políticas públicas no território. Pois, segundo (SILVA e VITAL, 2016, p. 08):

A divulgação científica pode contribuir para que o pesquisador tenha responsabilidade ética diante dos usos sociais da ciência e, ainda, tenha compromisso com a popularização de suas pesquisas para que a sociedade possa, informada, defender a sustentabilidade ambiental junto ao poder público.

Envolve, dessa forma, não apenas a mera “tradução de conhecimento”, mas, a valorização da comunidade tradicional em todo o processo de produção e pós-produção da pesquisa científica, para que esta possa compreender a forma com que o seu conhecimento está sendo utilizado e a que tipo de iniciativa está fomentando. Nesse sentido, a Divulgação Científica é um instrumento utilizado para o empoderamento da comunidade tradicional, fortalecendo a resistência e a luta pela valorização do território, em um diálogo crítico e participativo com a comunidade.

CONCEPÇÃO METODOLÓGICA

Historicamente foi se criando uma desvalorização dos saberes populares e tradicionais em detrimento do enaltecimento dos saberes científicos, enquanto

universais e absolutos, fomentando um afastamento teórico e prático entre a academia e outros grupos sociais (BATISTA, *et al.*, 2019).

Visando então diminuir essa distância, a partir da divulgação científica do saber acadêmico produzido por uma dissertação de mestrado retorna-o à comunidade tradicional participante da pesquisa, o livro “Até o rio tá triste: Contos de realidades” foi produzido levando em consideração a forma que os povos tradicionais possuem de repassar os seus conhecimentos, com uma marca forte da oralidade e da contação de histórias, na qual “mais do que entreter ou divertir, sua presença nas mais diversas culturas está vinculada à função de preservar e transmitir, geração após geração, os conhecimentos e saberes contidos nas narrativas tradicionais” (BRITO, 2021, p. 21)

Nesse sentido, foram produzidos cinco contos que narram, de forma verossímil, a história ambiental do Rio Suruí, suas transformações ecossistêmicas e paisagísticas, assim como a consequência de tais modificações para a comunidade tradicional de pesca que possui uma ligação intrínseca com esse ambiente natural. Dessa forma, o livro tem como personagem principal o próprio Rio Suruí, que narra a sua história, contando com a presença de outros personagens que representam um coletivo de pessoas, tanto as que impuseram quanto as que sofreram com as transformações socioambientais desse ecossistema.

Essas transformações, citadas anteriormente, foram embasadas teórico-conceitualmente nos resultados da dissertação de mestrado, que surgiu a partir da Análise Categrorial Temática (metodologia de análise do conteúdo das entrevistas realizadas com pescadores artesanais): Categoria 1 - O sofrimento como um sintoma psicossocial da injustiça ambiental; Categoria 2 – A Soberania Alimentar e o sustento dos povos do rio; Categoria 3 – O Fortalecimento comunitário a partir do lazer e do turismo; Categoria 4 - A doença como projeto; Categoria 5 – Cosmovisão das comunidades tradicionais: O Rio que sente; Categoria 6 – O saneamento era para ser básico; Categoria 7 – Terrorismo do Petróleo; Categoria 8 – A paisagem reflete a ausência do Estado.

Essas categorias surgiram após todo um trabalho de pesquisa qualitativo que permitiu um envolvimento com a comunidade tradicional, descrita de forma detalhada nos procedimentos metodológicos da dissertação, mas que de forma resumida perpassou pela Observação Participante, realização de Entrevistas com Foto-Elicitação (EFE) e, por fim, pelo tratamento e análise dos dados com a metodologia de Análise de

Conteúdo, focando especificamente na Análise Categorical Temática. Observou-se então que:

Com a degradação deste rio houveram graves impactos sociais na comunidade pesqueira que vivia da biodiversidade presente neste ecossistema. Logo, constatou-se o sofrimento como um sintoma psicossocial das injustiças ambientais transcorridas neste território advindas da ausência do cumprimento das políticas públicas de saneamento básico, do terrorismo de petróleo, bem como do desmatamento e assoreamento do rio em decorrência da ocupação irregular por falta de acesso à moradia em locais adequados, impactando no sustento, na soberania alimentar, na saúde física e mental, na desarticulação comunitária e no enfraquecimento do turismo e do lazer (LUBANCO, 2022, p. 06).

É importante salientar que a escolha pela escrita em forma de contos se dá por estes serem mais incisivos ao narrar à história e vão direto ao ponto logo na primeira página, pois possuem a intenção de prender o leitor de forma súbita. Nesse sentido, os cinco contos apresentados no livro são curtos e narram a história do Rio Suruí em diferentes momentos de sua história de forma intensa. Segundo Julio Cortázar (2008, p.153):

Um escritor argentino, muito amigo do boxe, dizia-me que nesse combate que se trava entre um texto apaixonante e o leitor, o romance ganha sempre por pontos, enquanto que o conto deve ganhar por *knock-out*. É verdade, na medida em que o romance acumula progressivamente seus efeitos no leitor, enquanto que um bom conto é incisivo mordente, sem trégua desde as primeiras frases (...). Tomem os senhores qualquer grande conto que seja de sua preferência, e analisem a primeira página. Surpreender-me-ia se encontrassem elementos gratuitos, meramente decorativos. O contista sabe que não pode proceder acumulativamente, que não tem o tempo por aliado; seu único recurso é trabalhar em profundidade (...).

Abaixo descreveremos as principais inspirações teórico-conceituais para a escrita dos contos partindo inicialmente da dissertação, mas contando, também, com outros aportes bibliográficos a serem descritos ao longo do texto.

Os devoradores de mundos

O primeiro capítulo do livro intitulado de “Os devoradores de mundos” narra não apenas a invasão europeia dos territórios ocupados pelos povos originários, mas também como essa expropriação não foi apenas territorial. Decerto que a violência e truculência dos invasores são o que de primeiro se nota, mas no desenvolver da história, percebem-se detalhes que contextualizam que essa invasão tinha em seu pano de fundo a dominação dos corpos e mentes do povo que habitava esse território.

Segundo Leal (2006, p. 19) Magé é uma das primeiras regiões a serem ocupadas no Brasil, tendo passado pelos diversos ciclos de devastação que a Mata Atlântica sofreu, como por exemplo, os mais conhecidos, do desflorestamento do pau-brasil, cultivo de cana-de-açúcar e café, além da extração do ouro. Inclusive, no território Mageense foi construído um trajeto chamado de “Caminho do Ouro”, que era utilizado como rota de transporte para trazer ouro e outras mercadorias de Minas Gerais.

Foi nesse período colonial (1500 a 1822) e imperial (1822 a 1889) que os rios da cidade foram utilizados como meio de transporte, tendo o porto do histórico Rio Suruí sido um dos principais do recôncavo da Baía de Guanabara, servindo como um meio de transporte bastante utilizado para a cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro (SEAS, 2015). O Suruí, junto de outros rios, formam a identidade territorial da Baixada Fluminense (BRITTO *et al*, 2019) e foi por onde os desbravadores subiram para ocupar esses territórios.

Contudo, antes dessa ocupação pelos europeus colonizadores, os habitantes dessas terras eram os povos originários, nas terras onde hoje se conhece como Serra dos Órgãos, que era ocupada por indígenas Timbiras, Sacurus, Guarus, Goitacazes, Puruz, Xumetos, Aimorés e Coroados. No entanto, os sesmeiros, a partir do século XVII ocuparam as terras, escravizaram os indígenas e os desalojando de suas terras (FÉO, 2012). A marca indígena neste território é tão forte que conforme descreve Leal (2006), foram os povos originários que habitavam nesta região que deram nomes às localidades: como Mage (lugar de pagé), Inhomirim (campo pequeno), Mauá (lugar elevado) e Suruí (Rio dos Sururus ou mexilhões).

Essa história tem, então, suas bases alicerçadas, principalmente, na ideia do “machado civilizador” do historiador ambiental Warren Dean, mencionada em seu livro “A Ferro e Fogo: A história e a devastação da Mata Atlântica brasileira”, na qual os povos europeus vulgo “urbanizados” se apossaram das terras e da floresta, trocando a riqueza florestal por crescimento econômico, e poucas partes ficaram ilesas desse machado, que em sua maior parte ocorreu em uma época histórica, a colonização (DEAN, 1996). “A destruição de forma intensa da Floresta Atlântica teve seu início no campo dos princípios e convicções dos povos colonizadores, com as suas formas de encarar a natureza” (LUBANCO, 2022, 16).

Falar de colonização, de destruição da floresta e dos povos originários é como Dean (1996) menciona, falar de “meio milênio de gula”, isto é, 500 anos de devoração da terra nova. Esse pensamento destrutivo se infiltrou nas bases dessa nova sociedade, permeada por ideais de consumo, extrativismo e morte. Este conto tem por objetivo, então, refletir sobre como um município atravessado historicamente por violências, a começar pela colonização, deixaram aqui marcas profundas no imaginário social, na paisagem, nos ecossistemas e na vida.

Este primeiro conto reflete, então, o capítulo destinado a Fundamentação Teórica da dissertação, com os subcapítulos: A história ambiental e a transformação da paisagem; A importância dos rios na formação da Baixada Fluminense; e A história que construiu a paisagem atual de Magé.

Até o rio tá triste

O segundo conto gira em torno do derramamento de óleo que ocorreu na Baía de Guanabara, nos anos 2000, afetando a foz de diversos rios de seu entorno, inclusive o Suruí e, também, os manguezais da região. Sendo o Rio Suruí o narrador principal, contando a história do derramamento de óleo pela perspectiva de um casal de pescadores artesanais, a Mar e o Fael, que antes desse derramamento, apesar de terem uma vida simples, conseguiam viver exclusivamente da pesca, coisa que após esse fatídico evento (crime ambiental) não foi mais possível.

Essa história foi criada a partir das entrevistas, assim como da observação participante realizada no convívio com a comunidade tradicional, na qual se percebe que essa é uma ferida ainda aberta na vida das comunidades tradicionais pesqueiras de Magé, que até hoje sofrem com a tomada da Baía de Guanabara pela indústria petroleira.

A invasão de um espaço que é público, a Baía de Guanabara, para produção e escoamento de petróleo, a transforma aos poucos em um espaço privado. Isso acarreta uma cadeia de consequências, pois os territórios do entorno também sofrem transformações com a construção de infraestruturas para o escoamento do óleo e do gás natural (dutos), da ocupação irregular, da especulação imobiliária aumentando o custo de vista no território, bem como a pressão sobre os equipamentos municipais de saúde,

educação e saneamento básico resultando também na redução da qualidade de vida das populações tradicionais, na perda de seus territórios e poluição dos ecossistemas locais.

Nesse sentido, o segundo conto tem como objetivo trazer as reflexões da dissertação, principalmente relacionada às diversas transformações ambientais que o Rio Suruí sofreu e como isso afetou a comunidade. Um pescador ao responder uma das perguntas da entrevista para a pesquisa diz "*Até o rio deve estar se sentindo triste. Esse rio tem história pra contar*", com isso sabe-se que não foi apenas a indústria do petróleo a causar essas transformações ambientais, pois existem outras questões que estão na esfera municipal, mas, como um conto tem o objetivo de ser intenso e profundo, foi escolhido um tema latente que está presente ainda no cotidiano dos pescadores para refletir sobre esse sentimento de tristeza e saudosismo do que o rio foi um dia.

As categorias da dissertação que deram base para a construção dessa história foram: Categoria 1 - O sofrimento como um sintoma psicossocial da injustiça ambiental; Categoria 5 – Cosmovisão das comunidades tradicionais: O Rio que sente; e 7 – Terrorismo do Petróleo.

Esse conto traz ainda o conceito de corpo-território, epistemologia latino-americana criada por mulheres ecofeministas, evidenciando que as explorações de territórios comunitários infringem violência, também, aos corpos individuais e coletivos, pois espoliam a vida. Desse modo, é impossível isolar um corpo, pois este é coletivo, está junto da comunidade, do território e da paisagem (GAGO 2020; HAESBAERT, 2020).

Barriga D'água

O terceiro conto se baseia no sofrimento causado por uma doença de veiculação hídrica, ocasionada pelo contato direto com a água do Rio Suruí, que recebe diariamente esgotos em suas águas. Com isso o personagem Joaquim, contrai a “Barriga D'água”, nome popular da Esquistossomose (doença parasitária), e vem a falecer, causando grande sofrimento e culpa a seus pais.

Isso ocorre pela falta do fornecimento de saneamento básico em sua completude, pelo Poder Público municipal, assim como pela falta de moradia digna para as populações que vivem na margem do rio.

Nesse contexto, as populações tradicionais que têm uma relação íntima com os ecossistemas locais e não possuem a escolha se terão ou não de entrar em contato com a água poluída, uma vez que a pesca é sua fonte de sustento, ficam expostos à contração de doenças de veiculação hídrica de forma mais constante. Ademais, o Rio Suruí que para além de fonte de sustento era também de lazer, atualmente não pode ser vivido da mesma forma.

Assim, esse conto foi inspirado pelas categorias: Categoria 4 - A doença como projeto; Categoria 6 – O saneamento era para ser básico; e Categoria 8 – A paisagem reflete a ausência do Estado.

O deserto do rio invisível

O quarto conto retoma questões relacionadas com a pesca e com o lazer, contudo, trazendo a perspectiva da soberania alimentar, principalmente, por pessoas mais velhas que conviveram com o Rio Suruí em uma época em que se tinha fartura de pescado.

A Soberania Alimentar ocorre quando as condições da terra, autonomia, produção e consumo de alimentos de determinado povo encontram-se equilibrados, livre de conflitos socioambientais e ameaças por fatores internos e externos às respectivas comunidades. Isto significa dizer que, o enfraquecimento de qualquer um desses elementos põe em risco a condição de formação da Soberania Alimentar (SILVA, 2020, p. 40).

Nesse sentido, quando a comunidade pesqueira tinha acesso ao rio limpo e ambientalmente saudável, com fartura de pescado, esse alimento tinha um menor custo para aqueles que compravam esse pescado, gerando uma maior acessibilidade. Além disso, os próprios moradores do bairro que não tinham a pesca como atividade de trabalho, usufruíam da mesma como forma de subsistência para fornecer alimentação diária, sem que o alimento fosse uma mercadoria.

Assim, o quarto conto faz uma crítica a forma como os ambientes naturais vêm sendo deteriorados e, conseqüentemente, vamos sendo afastados do acesso ao alimento, sendo estes cada vez mais enxergados como um produto. O sistema capitalista que mói a natureza gerando insegurança alimentar, fome, desterritorialização e distanciamento constante das pessoas com a natureza.

Esse conto foi pensado, dessa forma, alicerçados nas categorias da dissertação: Categoria 2 – A Soberania Alimentar e o sustento dos povos do rio; Categoria 3 – O Fortalecimento comunitário a partir do lazer e do turismo;

O que se vê além da curva?

O quinto conto traz a narrativa relacionada aos engajamentos políticos que os pescadores realizam para conquistarem seus direitos, assim como para chamarem atenção do restante dos moradores, que não necessariamente fazem parte da comunidade tradicional de pesca, acerca da importância do Rio Suruí para todos.

Nesse conto, a pescadora Mar defende a campanha “O que se vê além da curva?”, mencionando a necessidade de ações de Turismo de Base Comunitária (TBC) no rio, uma vez que estas promovem o protagonismo social das comunidades tradicionais, além de promoverem o empoderamento e a afirmação cultural destas, fomentando a movimentação da economia local, a valorização do território e a conservação da natureza. Isso ocorre pois o TBC é uma proposta de turismo local com foco nos recursos que as comunidades possuem (FABRINO, 2013).

Além disso, com essas atividades há um estímulo à educação ambiental crítica, contribuindo para uma mudança de atitudes e valores na formação de um sujeito-ecológico, onde a população se fortaleça frente às omissões do Estado para com as pessoas e o território. Nesse contexto, o conto “O que se vê além da curva?” aborda a construção comunitariamente de uma ética preocupada com a justiça ambiental da população, na qual se gere, uma subjetividade voltada para a sensibilização com o meio social e ambiental (LAYRARGUES *et al*, 2004).

As perspectivas futuras para o Rio Suruí, a depender do Poder Público e da indústria petrolífera, não são as melhores. Contudo, a comunidade tradicional tem se organizado cada vez mais e melhor, para atender aos socioambientalmente vulnerabilizados em suas necessidades básicas, além de se mobilizar na luta-resistência por um rio e um manguezal melhores para todos (LUBANCO, 2022, p. 125).

ORÇAMENTO E FINANCIAMENTO

O desenvolvimento do livro teve financiamento da Fundação Carlos Chagas Filho de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro (FAPERJ) a partir dos projetos realizados pela professora doutora Agnieszka Ewa Latawiec, através do Departamento

de Geografia e Meio Ambiente da PUCRio, para a ilustração do livro (R\$ 1.500,00). E, Núcleo de Realidades Digitais (IFRJ) para a diagramação do livro).

PÚBLICO-ALVO E DIVULGAÇÃO

Nesta pesquisa, o público-alvo da DC são comunidades de pesca artesanal que vivem no município de Magé/RJ, e que possuem características comuns, assim como outros povos tradicionais, de: simbiose com a natureza a partir do qual constroem seus modos de vida; conhecimento profundo dos ciclos naturais e manejo de seus recursos; tradição oral na transferência de conhecimentos tradicionais intergeracional; ocupação do território por várias gerações e atividades econômicas voltadas, principalmente, para a subsistência; forte vínculo familiar e de comunidade; importância de símbolos e significados relacionados a atividades extrativistas como a caça e a pesca, por exemplo; poder político enfraquecido; e auto-identificação cultural (DIEGUES, 2008).

As características de comunidades tradicionais que, combinadas, determinam o que é uma comunidade tradicional foram levadas em conta no momento de definição da estratégia de Divulgação Científica da dissertação de mestrado, para que a linguagem e o formato do produto escolhido, que no caso foi um livro de contos, conseguissem comunicar e gerar uma identificação com o público-alvo em questão.

A divulgação para a comunidade tradicional de pesca que participou da pesquisa de mestrado que, no caso, são integrantes da Associação de Caranguejeiros e Amigos do Mangue de Magé (ACAMM), será por intermédio do recebimento de um exemplar físico do livro. Enquanto a distribuição para comunidades de outros bairros estará sujeita a financiamentos posteriores para impressão em maior escala. Contudo, o livro estará disponível no formato online para todos e poderá, também, ser impresso em papel A4 conforme vontade dos leitores, uma vez que o formato do livro foi pensado para fornecer a maior facilidade ao acesso ao material impresso.

REFERENCIAL TEÓRICO

Divulgação Científica para o fortalecimento comunitário

A Divulgação Científica (DC) pode ser definida a partir da utilização de procedimentos com a finalidade de comunicar uma informação produzida pela ciência a um público geral, isto é, não acadêmico (BUENO, 1984). Tendo diversas finalidades

que, inclusive, evoluem ao longo do tempo, a DC tem como foco: passar uma informação científica para um público que não conhece sobre o assunto - educacional; formar uma opinião pública sobre uma questão científica importante para a sociedade - cívico; e instrumentalizar a população para o engajamento de políticas públicas que possam melhorar sua qualidade de vida - mobilização popular (ANANDAKRISHNAN, 1985).

“A memória de um lugar é construída a partir das histórias, dos conflitos, dos encontros e desencontros que permeiam a dinâmica e os processos sociais” (BARTHOLO, *et al*, 2009, p.17). O Rio Suruí é esse lugar prismático, com sua paisagem atual constituída por diferentes ausências e conflitos, mas, com muita presença da comunidade tradicional de pesca artesanal que o tem como casa, como espaço de reprodução social e de encontro com os seus e com a natureza. Então, de acordo com Tedesco (2001, p. 50):

A memória social provê padrões para a estruturação do “imaginário”, isto é, para a dimensão expressiva, cognitiva e normativa da vida social, para o desenvolvimento das relações sociais e para o intercâmbio material dos sistemas sociais com a natureza. Ela fornece os padrões para a estruturação de sua dimensão espaço-temporal, sua configuração (coesão mais demarcação) e ritmos (de reprodução e mudança).

O fazer ciência desse lugar, conseqüentemente, não pode ser pensado apenas para produzir conteúdo para academia, mas deve refletir também acerca do acesso ao conhecimento científico gerado, para o empoderamento comunitário e a participação mais democrática sobre as políticas públicas socioambientais que concernem a melhoria da qualidade ambiental do rio e da qualidade de vida daqueles que vivem dele. O cientista deve realizar, nesse contexto, uma autorreflexão que desperte sua responsabilidade ética para com a sociedade em relação à informação científica a ser produzida (MORIN, 2005).

Portanto, a Divulgação Científica mais do que a transmissão de conteúdo, é um instrumento para a transformação da sociedade, uma vez que, aproxima o conhecimento científico da sociedade, abrindo possibilidades de inserção cidadã no processo democrático de decisões sobre questões que podem interferir na qualidade de vida das pessoas.

É fundamental, então, pensar uma divulgação científica que esteja adequada à linguagem dos grupos sociais a que se destina popularizar a informação científica em questão, pois “divulgar pesquisas científicas ao público exige o cuidado com a

linguagem adequada, visto que a linguagem científica é hermética e aplicada à comunicação entre os pares” (SILVA e VITAL, 2016, p. 03).

Para adequar-se à linguagem da comunidade tradicional, há de se respeitar a memória social compartilhada nesse coletivo, pois a memória antes de ser transmitida, precisa estar articulada. Nesse contexto, a memória social não é apenas uma lembrança do passado, ela fornece a perspectiva necessária para a interpretação da realidade presente e projeções para o futuro (TEDESCO, 2001). Sendo assim, os contos criados são verossímeis à realidade vivida, pois eles não têm o objetivo de apenas narrar acontecimentos, mas de interpretar as consequências desses acontecimentos nos modos de vida da comunidade e no ambiente. Então, conforme Rodrigues (2005, p.04) aponta:

A contação de histórias é atividade própria de incentivo à imaginação e o trânsito entre o fictício e o real. Ao preparar uma história para ser contada, tomamos a experiência do narrador e de cada personagem como nossa e ampliamos nossa experiência vivencial por meio da narrativa do autor. Os fatos, as cenas e os contextos são do plano do imaginário, mas os sentimentos e as emoções transcendem a ficção e se materializam na vida real.

A criação desses contos tinha por objetivo, desse modo, transformar os resultados e discussões da dissertação e materializá-los, justamente, em sentimentos e emoções que fomentem o fortalecimento comunitário a partir da afirmação da identidade social dos comunitários afetados por todos os impactos socioambientais e transformações na paisagem do Rio Suruí.

Se tornando, além de uma estratégia de Divulgação Científica, o livro é um instrumento de educação ambiental crítica, o que é fundamental para o desenvolvimento de uma ética comunitária voltada à conservação da natureza e valorização dos povos e culturas tradicionais locais.

A Educação Ambiental Crítica objetiva promover ambientes educativos de mobilização desses processos de intervenção sobre a realidade e seus problemas socioambientais, para que possamos nestes ambientes superar as armadilhas paradigmáticas e propiciar um processo educativo, em que nesse exercício, estejamos, educandos e educadores, nos formando e contribuindo, pelo exercício de uma cidadania ativa, na transformação da grave crise socioambiental que vivenciamos todos (LAYRARGUES *et al*, 2004. p. 30).

E, para essa estratégia de divulgar a ciência produzida a partir da história ambiental local, foi escolhido como meio o livro, pois segundo a Política Nacional do Livro (Lei Nº 10.753/ 2003) Art. 1º Inciso II: O livro é o meio principal e insubstituível da difusão da cultura e transmissão do conhecimento, do fomento à pesquisa social e científica, da conservação do patrimônio nacional, da transformação e aperfeiçoamento social e da melhoria da qualidade de vida.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa objetivou o desenvolvimento de um livro de contos que abordasse os resultados e discussões de uma dissertação de mestrado. Dessa forma, espera-se que a comunidade que terá acesso ao livro produzido como uma estratégia de divulgação científica possa se apropriar da pesquisa produzida sobre o seu território para corroborar em sua luta por melhorias ambientais para os ecossistemas locais e, também, por políticas públicas efetivas para os pescadores artesanais da cidade de Magé.

Com essa pesquisa, visamos, também, que mais pesquisadores possam refletir sobre o compromisso ético de divulgar suas pesquisas para o público em geral, principalmente quando se trata de pesquisas que possuem um público não acadêmico participante. Com isso, pode-se pensar em um futuro em que a população possa ter uma participação mais qualificada acerca dos temas que atravessam a sua vida, como saúde, educação, cultura, ciência, tecnologia, meio ambiente, dentre outros.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANANDAKRISHNAN, M. **Planning and popularizing science and technology for development.** United Nations. Tycooly Publishing, Oxford, 1985

BARTHOLO, R.; SAN SOLO, G.D.; BURSZTYN, I. **Turismo de base comunitária: diversidade de olhares e experiências brasileiras** – Rio de Janeiro: Letra e Imagem, 2009.

BATISTA, L.; PAULA, E.; MATOS, T. Saberes Tradicionais e a Ciência Moderna. VI Congresso de Nacional de Educação (CONEDU), 2019.

BRITO, N. M. B. de. **Contação de história: criação de narrativas e oralidade.** Salvador: UFBA, Escola de Teatro; Superintendência de Educação a Distância, 2021.

BUENO, W.C. **Jornalismo científico no Brasil: compromissos de uma prática dependente.** (Tese de doutorado apresentada à Escola de Comunicações e Artes da USP). São Paulo, 1984.

CORTÁZAR, J. **Alguns Aspectos do Conto.** In: CORTÁZAR, J. **Valise de Cronópio.** Editora Perspectiva, 2008, p. 147-163. ISBN-10: 8527303809

FABRINO, N. H. **Turismo de Base Comunitária: dos conceitos às práticas e das práticas aos conceitos.** Brasília: Universidade de Brasília, 2013.

Gago, Verónica. **A Potência Feminista ou o desejo de transformar tudo.** Editora Elefante, 2020.

HAESBAERT, Rogério. **Do corpo-território ao território-corpo (da terra): contribuições decoloniais.** GEOgraphia, v. 22, n. 48, 2020.

LAYRARGUES, P. P. **Identidades da Educação Ambiental Brasileira.** Brasília: Ministério do Meio Ambiente, 2004.

MORIN, E. **Ciência com Consciência.** 8. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.

RODRIGUES, E. B. T. **Cultura, arte e contação de histórias.** Goiânia, 2005.

SECRETARIA DE ESTADO DO AMBIENTE E SUSTENTABILIDADE. **Projeto Fortalecimento da Governança e Gestão da Baía de Guanabara Título dos Serviços de Consultoria: Diagnóstico do Estado da Baía de Guanabara Convênio de Cooperação Técnica.** ATN/OC-14223-BR SDP No: SQC No 17/2015

SHIVA, V. **Monoculturas da mente: perspectiva da biodiversidade e da biotecnologia.** São Paulo: Gala, 2003.

SILVA, A. M. M.; VITAL, M. J. S. **Divulgação científica enquanto responsabilidade ética e ambiental do pesquisador.** In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE

CIÊNCIAS DO AMBIENTE E SUSTENTABILIDADE NA AMAZÔNIA, 4, 2016, Manaus. Anais... Manaus: UFAM/ANPPAS, 2016.

TEDESCO, João C. **Nas cercanias da memória: temporalidade, experiência e narração**. Passo Fundo: UPF, 2004.